



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Richard Santiago Costa

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Entre O Índio Romântico E O Índio Natural: As Obras Indianista Do Pintor Rodolfo Amoedo

O pintor brasileiro Rodolfo Amoedo realizou, ao longo de sua carreira, três importantes pinturas cuja temática estava inserida no que se convencionou chamar de indianismo: Morte de Atalá (1883), Marabá (1882) e O Último Tamoio (1883). Tais obras situam-se, cronologicamente falando, na última década da monarquia brasileira, grande patrocinadora do projeto de promoção da nacionalidade brasileira assentada sobre a figura do índio. Nossa comunicação pretende traçar pontos de contato entre as referidas obras de Amoedo e a produção, de mesma temática, de seus colegas da Academia Imperial de Belas Artes, tais como: Augusto Rodrigues Duarte (Exéquias de Atalá, 1878), José Maria de Medeiros (Iracema, 1881 e Lindóia, 1882), Victor Meirelles (Moema, 1866), Antonio Firmino de Monteiro (Exéquias de Camorim, 1879), Rodolfo Bernardelli (A faceira, 1880 e Moema, 1894), entre outros. Entendemos que existe um arcabouço comum a todos esses artistas composto por diversos meios distintos entre si. A literatura, primordialmente, fornece as bases para as representações do elemento indígena: A Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães, por exemplo, foi amplamente explorada por pintores como Rodolfo Amoedo, que se valeram da epopéia do índio Aimerê como mote para suas telas. Lo Schiavo, considerada a obra prima de Carlos Gomes, também se baseia no épico de Magalhães, assim como O Guarani, baseado na obra de José de Alencar. Este forneceu a personagem principal para obras de Antônio Parreiras e José Maria Medeiros, por exemplo: a exemplar Iracema, representação marcante da mulher indígena que torna possível a miscigenação das raças com o elemento europeu. O poema Marabá de Gonçalves Dias serve de pretexto para a representação da renegada homônima de Amoedo. Santa Rita Durão, um dos precursores do indianismo literário entre nós ainda no século XVIII, dá vida à disputa entre Moema e Paraguaçu, de Caramuru, matriarcas de tantas heroínas índias que nasceriam pouco depois. Contudo, interessa-nos também confrontar a produção de Amoedo com a literatura surgida na segunda metade do século XIX, não puramente romântica, mas naturalista. Bernardo Guimarães exploraria um novo viés do índio brasileiro, até então um herói tipicamente romântico: o escárnio, o tom anedótico e o erotismo deram a tônica da literatura daquele período, trazendo o elemento indígena da esfera do mítico para o cotidiano da miscigenação e da degradação causada por séculos de exploração branca. O Elixir do Pajé e O índio Afonso são exemplos da literatura que retrata esse novo índio que ganha espaço a partir do final dos anos 1850.

Assim, nossa comunicação pretende mesclar a herança romântica do indianismo dos primeiros anos do Segundo Reinado com a nova realidade literária que aflora em paralelo com aquela, tendo Bernardo Guimarães como seu expoente. Há algo de novo na leitura que Amoedo faz do índio literário e heróico na década de 1880, e é isso que pretendemos investigar.